

CDU  
REGISTON.  
ESTANTE

# MONTIJO

SEMANÁRIO REPUBLICANO REGIONALISTA

(Defensor dos Interesses Locaes)

Composto e Impresso  
na Tipografia SIMÕES - SETUBALPropriedade da Empresa  
de Publicidade do «Montijo»Redacção e Administração  
Praça 1.º de Maio - MONTIJODirector:  
Dr. M. Paulino Gomes  
Editor:  
J. A. Xavier Lopes  
Administ.:  
Joaquim Ameixa  
ASSINATURAS:  
Série de 10 num. \$300  
ANUNCIOS  
(Contracto especial)  
VISADO PELA CENSURA

AVENGA



## A propósito...

Ao ler no passado domingo, numa pequena crónica de F. C. (aliás muito agradável para nós, organizadores) uma referência ao chá dansante na Banda Democrática, sugeriu-me a ideia de dizer qualquer coisa sobre esse chá, não só para eclipsar algumas poeiras que no ar volteiam, como também para calar algumas vozes que tentam fazer cavalo de batalha, dum infeliz deslize dos seus adversários.

A Comissão organizadora desse chá, da qual fiz parte, em companhia de alguns amigos, pensou, para dar mais relêvo e brilhantismo ao baile, ornamentar, não só a sala como também o tecto, visto este não ser forrado. Da ideia passámos ao facto, e escolhemos para o fôrro, a cor azul-escuro!!! Aqui ardeu Tróia!!!

Alguns espíritos exaltados, mas em parte desculpáveis, pela sua falta de cultura, quer intelectual, quer cívica, quizeram protestar, alegando variadíssimas razões, todas elas, é claro, sem fundamento aceitável, mas... findou; fez-se o baile e tudo se harmonizou, (assistindo a êle até alguns dos que protestaram) e eu não viria agora falar nesse assunto, se não fôra o que tenho já ouvido, assim como os meus amigos, em desprimôr daquela colectividade.

¿ Que culpa teem, tanto a Direcção como os seus quasi 600 sócios, da opinião obsecada e inválida de meia dúzia dos seus sócios?

E' tudo pois, poeira, por mais que se diga, toda a blage que com este assunto se empregue. Não quero no entanto deixar de, publicamente, agradecer a atenção e apoio que nos foi dado, tanto pela Direcção, como pelo resto dos sócios, que fizeram a merecida justiça de nos julgarem incapazes, já pelo que de nós conhecem, já pelo que a sua consciência lhes dita, de reservarmos qualquer intenção que não fôsse a de querermos embelezar e modernizar aquela colectividade, a que também assiste o direito de enfileirar na escala social, aonde outras existem com talvez menos merecimento, porque como nada produzem, pouco ou nada merecem.

Que sirvam pois de incentivo a todos os sócios da Banda Democrática, já que para nós não são precisas, estas minhas desprezíveis palavras, e, procurem sempre levantá-la o mais possível, na opinião pública, em vez de, dar ocasião a que com os seus ímpetos dêem pasto à maledicência, e a opiniões pouco lisonjeiras.

Deixai, pois, trabalhar aqueles que no vigor da mocidade, e cheios de ideias novas e moderadas, alguma coisa tentam fazer em prol da sua colectividade.

José Estêvão S. Carvalho

## O nosso semanário

«Montijo» é um jornal pobre. Não está ligado a nenhum potentado, nem recebe subsídio de ninguém. Vive única e exclusivamente do auxílio dos seus anunciantes e dos seus assinantes. Existe, sobretudo, porém, pela corajosa boa-vontade de um reduzido número de pessoas, que o acalenta com uma dedicação e com um desinteresse dignos de admiração. Não queremos também esquecer a cooperação espontânea e gratuita, que lhe dão todos os seus colaboradores.

Pois bem, sendo como é um jornal de todos e para todos, fundado muito especialmente para a defesa dos legítimos interesses da nossa terra, é doloroso constatar que os nossos patrícios não correspondem de modo algum à iniciativa, que se tomou e que lhes pertence, pelo fim a que o nosso semanário visa.

E' vêr a miséria da página de anúncios. O nosso comércio, que é grande, não coadjuva «Montijo». Quere que toda a gente lhe compre os seus géneros; leva a mal que se prefira comprar em Lisboa, em detrimento do seu negócio, mas não entende que é preciso auxiliar a imprensa local, quando esta representa alguma coisa de utilidade geral, como nos parece que o nosso hebdomadário tem representado.

Ora, em boa verdade, o nosso comércio tem razão naquelas queixas que faz, mas, em contra-partida, não anda bem quando não aplica esse seu modo de vêr às instituições de carácter local.

Por outro lado o número de assinantes do nosso jornal não é tão grande como seria para desejar. Montijo possui uma população suficientemente numerosa para sustentar um órgão de imprensa. Não o faz, porém.

Poder-se-ia justificar esse facto se, porventura, este semanário tivesse uma característica partidária, que o levasse a estabelecer dissidência no seio dos habitantes da nossa terra, ou se tornasse uma feição social incompatível com a necessidade de harmonia entre todos os seus concidadãos. Tal, contudo, não acontece e tanto assim é que de todos os sectores ideológicos, políticos e sociais locais têm acorrido ao nosso jornal, pedindo-lhe o seu apoio e a sua propaganda em benefício de actos seus. E «Montijo» nunca recusou essa desinteressada cooperação. E tanto assim é que, de todas as correntes doutrinaárias, sempre ouvimos elogiar a forma harmónica, conciliadora, respeitosa e justa, com a qual este hebdomadário tem encarado os problemas de ordem local, até com menos energia, talvez, do que seria ajustado que fôsse empregada.

Mas nós sabemos já, por experiência própria e alheia, o que tudo isso é.

Quando viemos para esta trincheira sabíamos já o que tínhamos de contar e as indiferenças e apóstrofes que tínhamos de suportar.

Há pessoas, que se têm recusado a assinar o nosso semanário, porque estão de relações pessoais cortadas com o seu director. Estas pessoas, porém, já se têm servido do jornal para anunciar. Há outras, que o não compram, porque se não refere, como entendem, ao grupo dos Onze Unidos. Outros ainda porque não tratou do estado das estradas do Pinhal Novo e de Setúbal. Outros, por coerência, por não terem querido assinar outros semanários locais. Alguns porque ainda não atacámos a praça do peixe e da hortaliça. Enfim, amigos meus, cada cabeça, cada sentença.

Isto tudo, porém, são desculpas do «arroz cozido» como nós, menino e moço, ouviamos dizer. Não compram, não assinam e não anunciam no nosso jornal simplesmente porque não querem, porque foram sempre assim dotados dum egoísmo, que nunca os deixou compreender o auxílio para além das fronteiras do seu lar doméstico.

Mas não julguem os nossos leitores que estamos a fazer caramunha, a pedir misericórdia. Apontamos um facto, lamentamô-lo, apenas como sintoma mórbido do nosso meio populacional.

Temos além disso direito a exigir que nos leiam, que nos auxiliem aquêles que fazem parte da nossa terra, que nos propuzémos auxiliar e defender com absoluto desinteresse e com inteira abnegação. A publicação do «Montijo» constitui um sacrificio e não um beneficio para quem meteu ombros a essa empresa. Não é demais, portanto, que esse sacrificio seja distribuído proporcionalmente por todos os nossos concidadãos, numa cota-parte, que é tão diminuta, que até se torna ridículo mencioná-la.

P. G.

## Aldeia Galega, Aldegalega ou Montijo?

A nossa terra há já bem mais do que um ano mudou oficialmente o seu nome para «Montijo». E' assim que, com vontade ou sem vontade da população, se chama hoje.

Não compreendemos, portanto, a razão por que em livros de ensino e na grande imprensa diária da capital ainda venha designada por aquêles dois antigos nomes seus: «Aldeia Galega» e «Aldegalega».

Ainda na passada quinta-feira vimos no «Diário de Notícias» um mapa indicativo dos movimentos sísmicos em Portugal e em que a nossa terra vem mencionada com o nome de Aldegalega.

Saiu também este ano um livro para o Ensino Primário Geral intitulado «Luz da Juventude», o qual inseriu um mapa de Portugal em que a nossa terra é indicada com o nome de Aldeia Galega.

Ora isto constitue lapsos indesculpáveis tanto para a grande imprensa como para quem publica livros de ensino, que assim induzem em erro as pessoas que os lêem e quanto aos últimos as crianças que por êles estudam.

Oficialmente a nossa terra é «MONTIJO».

### José Relvas

Faz amanhã três anos que faleceu, em Alpiarça, o ilustre e saúdoso democrata José Relvas.

Fomos das pessoas que assistiram aos funerais do venerando diplomata da República e ainda temos bem presentes as manifestações de dor e de saúdade que o povo alpiarcense proporcionou ao seu dedicado amigo e concidadão.

Já lá vão três anos e não amorteceu naquêlo povo a saúdade que lhe deixou o indefectível democrata, que era ao mesmo tempo um artista de gosto delicado e raro.

Alpiarça no dia de amanhã vae comemorar piedosamente o falecimento de José Relvas. Acompanha-o nessa merecida comemoração todo o povo republicano, que sempre teve pelo extinto uma justa admiração de aprêço.

«Montijo», seguindo as mesmas pisadas, não quere deixar passar essa dolorosa data sem manifestar também a saúdade que tem do estadista eminente, que no tempo da propaganda, juntamente com Magalhães Lima, preparou junto dos governos e chancelarias europeias a atmosfera propícia ao advento da República Portuguesa.

# Romagem de pesar

Dia de finados!

Eu saio neste dia à rua para escutar a sinfonia dos crepes que uma multidão imensa arrasta consigo. Estaciono por momentos a contemplar os braços de flores, que vão tombar nas campas soturnas dos mortos que-ridos.

Há neste dia um silêncio austero que nos fala, que nos domina, que nos vence. Há um abismo cavado na nossa alma para onde lançamos todas as indiferenças.

Evocando aqueles que disseram adeus ao nosso convívio, à nossa amizade, à nossa admiração, há um pensamento comum dirigido para o mesmo ponto.

É este ambiente pesado, negro, luttoso invoca sentimentalidade que os portugueses tanto amam, e tão belamente sabem sentir.

Eu embrenho-me no labirinto confuso da multidão à procura daquele que não iraga sôbre o seu corpo um sinal mortífero da dor que lhe soluça na alma.

E vejo passar homens trajando bem e operários humildes com os seus fatos velhinhos; vultos importantes no cosmopolitismo e eternos desconhecidos; mulheres formosas arrastando um vestuário fabuloso e mulheres agasalhadas pelo chale que lhes cai dos ombros.

Quem há aí que passe sem essa legenda triste?

Procuo e não encontro!

Olho e não vejo!

É porque todos nós temos os mortos queridos. Sentimos neste dia o roubo que nos fizeram, tirando-nos os seres estremecidos. Recordamos essa legião que tombou num baque cruel, traícoeiro e ingrato!

Um pai que era nossa protecção; uma mãe já velhinha que nos beijava, que nos protegia, que nos afagava nos momentos mais ingratos; uma irmãzinha terna, meiga cabecita loira, alegria do nosso lar.

Todos nos fugiram! Roubaram-nos e não podemos tirar a desforra da infamia!

Há uma solidão imensa!

Há lágrimas a bailarem nas faces e há uma tristeza a sobrecarregar a fisionomia.

A própria Natureza embala o nosso hino de dor.

Porque assim?

As árvores despidas de folhagem mostram o seu bracejar desnudado como espectros terríveis ameaçando os homens. O frio aparta e regula os

corpos. A ventania sopra e levanta o pó do caminho.

O firmamento está coberto de nuvens pesadas que sobrecarregam mais ainda este quadro.

É dum lado e doutro estão miseros descarnados, olheirentos, vindos sem sabermos donde, pedinchando uma esmola...

Recusar a dádiva ao pobre?

Nem por sonhos!

Passar indiferentemente?

Nenhuma alma resiste!

Lá ao fundo ergue-se altivo, senhor do seu domínio mortuário, déspota dos indefesos que a terra fria subjuga, o gigante magro e esguio do cipreste agoirento.

Está chamando para a sua corte todos os que vivemos!

Quem manda, és tu?

Oh! sombra maldita que já arde-taste os nossos queridos!

Também nos queres?

Nós passamos junto de ti mas é para espargir as nossas lágrimas nas covas onde moram os nossos pais, os nossos irmãos, a nossa família.

Se nos aproximamos de ti é para te detestar.

A visita desta multidão de almas, ainda chamejantes -entro dos corpos, é o brado de revolta contra o infame crime que praticaste!

É aqui neste campo imenso em que o rico se confunde com o pobre e a criança com o velho; em que os inimigos dão as mãos e os amantes novamente se casam, que todos nós depositamos a nossa oração de dor e as pétalas que lhes oferecemos.

Dia de finados!

Romagem sentida até às moradias fúnebres, onde repousam para sempre aqueles que nos roubaram!

Peregrinação enlutada, lacrimosa e justa à cidade dos mortos da cidade dos vivos!

Dia triste em que todos entoam o hino de dor, de dor cruel que dilacera o próprio ser.

Eu saio à rua para vêr todo este quadro, para o sentir, e para caminhar com a multidão, rezando baixinho o nome querido dos mortos para que descansem em paz.

Novembro de 1931.

Jorge Antunes

## Chapeus de senhora

Transformações em todos os modelos.

Perfeição e rapidez: 10\$00

Tingir: 2\$50, só na

CHAPELARIA DA MODA

MONTIJO

se aos outros touros que, no dia seguinte, deviam ir para uma festa brava no Ribatejo.

— Este bicho é capaz de fazer partida nas entradas, ti'Manel..... dizia António do Ó ao abegão, homem de grandes «suissas» e de cabelos brancos, cuja alvura se distinguia por baixo do barrete encarnado.

— Não n'a faças tu meu tunante,..... que o pobre animal.....

— Ora deixe-se disso.....

— É o que se fala já «à grande», O resto depois veremos...

E o ti'Manel, que já estava ao pé do moço campino, tocando-lhe no ombro e saltando uma gargalhada muito significativa, comentou:

— ..... Veremos..... veremos depois.

António do Ó contava 22 anos. Viera de Lisboa há pouco tempo, de «servir a tropa», num quartel de cavalaria. Era costume todas as manhãs dar uma volta pelo mercado das compras — não lósse lá alguma sopeirita» geitosa, ladina, com o cabaz debaixo do braço, e fugisse ao seu faro de «tarata», O meúdo da «graxa»

## O nosso folhetim

|||||

Começamos hoje a publicar, em folhetins, uma novela da autoria do nosso muito dedicado colaborador sr. Jorge Antunes.

Chamamos para ela a atenção dos nossos leitores e muito especialmente das nossas leitoras, a quem a novela vai certamente despertar interesse.

## LEILÃO

Em casa de Carlota Barbosa Ferra, rua dr. Manuel da Cruz Júnior

No dia 13 de Novembro próximo será posta em arrematação, adjudicando-se a quem maior lance oferecer, uma fazenda composta de terra de sementeira, vinha e árvores de fruto, com uma casa de arrecadação, no sítio do Carodes, desta fréguezia.

Não convindo ao actual proprietário o maior lance oferecido será a fazenda retirada da praça e procedendo-se oportunamente a outra.

Para mais esclarecimento dirigir-se a José Narciso Ferra Júnior, Montijo.

## VENDE-SE

Uma fazenda de boas terras no Corte do Pena.

Trata-se com Pedro Narciso da Silva.

## VENDE-SE

Prédio na rua Cândido dos Reis composto de lojas e 2 andares, de boa construção. Nesta redacção se diz.

## VENDE-SE

Telha de Alhandra, em 2.º mão. Pedra de alvenaria para caboucos.

Tratar com Francisco José da Silva — MONTIJO.

## A' população de Montijo

A agua fornecida pelos carros amarelos

O proprietário destas aguas, tem o subido prazer de tornar público que mandou analisar nos laboratórios do Instituto de Higiene-Dr. Ricardo Jorge a água que fornece á população desta vila, sendo o resultado da análise seguinte:

«E' uma agua de mineralização regular, cloretada, *muito pura* quanto ao contacto com matérias orgânicas. E' potável quimicamente considerada».

Limpidez . . . . . *Límpida*  
Côr . . . . . *Incolôr*  
Cheiro . . . . . *Inodora*  
Sabor . . . . . *Fino*

Por esta análise se constata as vantagens que o público usufrúe em se abastecer das aguas dos carros amarelos, bebendo agua pura e higienica.

N. da R. — O proprietário da agua a que se refere o anúncio acima teve a gentileza de nos mostrar a análise a que alude. Tivemos assim ocasião de verificar a verdade do que se diz no anúncio em questão, não tendo, por isso, dúvida, em o declarar aqui por verdade.

## VENDE-SE

Casa com quatro óptimas divisões e quintal sita no Bairro Vila Maria (antigo Bairro dos Carros), desta vila.

Tratar com Augusto da Silva Largo do Laranjo, Montijo.

## Paulino Gomes

Advogado

MONTIJO

Anunciar no «Montijo» é ter a garantia dos seus produtos bem reclamados.

N.º 1 — FOLHETIM — 30-10-1932.

## Gente de Bem

(Novela inédita)

por Jorge Antunes

(Ao Senhor Delfim Guimarães, astro luminoso na vereda confusa do Crisfal).

— Eh! António do Ó, puxa lá para a manada aquêlo maldito «Reboliço».

António do Ó, logo pronto, cravou as esporas na barriga do «Relâmpago», agarrou melhor na vara que descansou sôbre o ombro e numa corrida vistosa, rodeou o touro, «Reboliço», enfeitou-se, baixou a cabeça, cheirou a terra, e, quando sentiu o trotar do cavalo, deu uma corrida. O campino, hábil cavaleiro, ergueu-se sôbre os estribos e, cravando a vara no corpo do bicho, gritou-lhe:

— Eh! garraio... oh! junta ali... «Reboliço» dorido pelo ferro que lhe beliscou, furtou-se a nova amabilidade e, zig-zagueando por entre as ervas, reuniu-

era só vê-lo, que todo se desfazia em vé-nias para lhe deitar um pedacito de cuspo nas polainas de coiro grosso..... Mas então! o rapazito queria aformosa-lo, torná-lo um oficial sem galões, mas garboso, conquistador, diferente dos outros «magalias», sebentos, cheirando a bióxido de caserna..... E António do Ó metido na sua farda de praça de cavalaria, lá catrapiscava um dia num jardim, com uma creada do senhor doutor, que morava naquela rua, ou com uma costureirinha, que ele ia esperar ao alfaiate, para os lados da linha do «eléctrico».....

Os superiores estimavam bastante o subordinado, pela maneira disciplinada como ele se portava no quartel, e os camaradas admiravam-no pelo bom modo em que tratava a todos.

Enfim, Antonio do Ó concluiu o seu tempo dentro da melhor ordem, e na volta á sua terreola, deixando saúdes às namoradas da cidade, aliviou as grandes, as incomensuráveis saúdes da sua «Zabel».

Foi um dia de grande festa com comes e bedes, guitarradas e um fado á mistura, cantado por um amator do chorrinho.

A «Zabel» ria de satisfação e olhava

sem se faltar para o seu derricho. Este que grande diferença encontrava nela para as «alfacinhas». Mas então era a sua cara-meia.

— Estava escrito.... dizia-lhe a avó da rapariga.... Tem que ser.... prosseguia a velhota.

E ele, ralaça, indiferente a esses caprichos do «estava escrito» e «tem que ser», sorria sômente, como quem não liga importância a tolices.

Num dos extremos da mesa estava a filha da Joaquina do «Monte», a «Flor da Aldeia», como lhe chamavam desde pequenina. Tinha a avó a morrer e a mãe mandara-a vir de Lisboa para a ajudar. António do Ó cravou o olhar nela: Bastante morena, com uns olhos negros e um cabelo de azeviche, tinha um sorriso que traduzia muita ternura. O recém-chegado recordou-se dos tempos de infantilidade passados juntos. Os seus brancos que se desprendiam facilmente eram agora dois braços fortes de mulher feita. Ele mirava-a de todos os modos e fazia os seus comentários.

(Continua)

**Mannheimer V. C.**

Companhia Alemã de Seguros

FUNDADA EM 1879

CAPITAL: 8.000.000 (marcos)

Cincoenta e seis mil contos

(ao cambio de 7\$00)

**Sociedade Portuguesa****de Seguros**

FUNDADA EM 1900

CAPITAL: 2.000.000\$00

**Sun Insurance Office**

Companhia Ingleza de Seguros

FUNDADA EM 1710

CAPITAL: 2.500\$000 (libras)

Duzentos e cinquenta mil contos

(ao cambio de 100\$00)

Representadas por:

**Joaquim Freire Caria** **MONTIJO**

Em ligação directa com os melhores Brokers de Londres.

Agente segurador do importante grupo alemão

**“DEKADE”****(SEGUROS EM TODOS OS RAMOS E EM TODAS AS MOEDAS)****ANUNCIO ANUNCIO**

(1.ª publicação)

No dia 6 de Novembro proximo futuro pelas 15 horas, á porta do Tribunal Judicial desta comarca, e pelos autos de execução por custas que o Ministerio Publico move contra Maria Matilde Cebola Leiria, viuva, moradora em Alcochete, vae pela primeira vez á praça para ser arrematado por quem maior preço oferecer acima do valor da sua avaliação, o seguinte:

Uma fazenda composta de terra de sementeira e vinha, no sitio do Vale dos Mouros, freguezia de Alcochete, descrita na conservatoria desta comarca sob o n.º 7221 a fls. 107 do livro B-17, que vae á praça no valor de 4.000\$00.

Uma morada de casas com lojas e aguas-furtadas, na rua Antonio Cardoso, da vila de Alcochete, descrita na conservatoria desta comarca sob o n.º 2850, a folhas 48 do livro B-8, que vae á praça no valor de 2.000\$00.

Uma terra de sementeira na Guarda do Canto do Pinheiro, freguezia de Alcochete, descrito na conservatoria sob o n.º 7222, a folhas 107 verso do livro B- dezenove, que vae á praça no valor de 2.000\$00.

Pelo presente e respectivos editaes são citados, como credores incertos, os herdeiros do credor João Bento Maria, casado, proprietario, morador que foi nesta vila, e bem assim quaesquer outros credores incertos, para assistirem á praça e deduzirem os seus direitos.

Montijo, 15 de Outubro de 1932

O Escrivão do 1.º officio,

*Alvaro Baptista Pereira*

Verifiquei a exactidão

O Juiz de Direito,

*J. Raposo*

No dia 6 de Novembro proximo, pelas 16 horas, á porta do Tribunal Judicial desta comarca e pelos autos de carta precatoria vinda da 1.ª Vara Civel da Comarca de Lisboa, extraída dos autos de execução hipotecaria que Herminio das Neves Ferreira de Aguiar, de Lisboa, move contra Augusto Maria Martins e mulher, e outros, vae pela primeira vez á praça para ser arrematado por quem maior preço oferecer acima do valor da sua avaliação, o seguinte: — Um predio rustico no sitio do Brejo, freguezia da Moita, desta comarca, que se compõe de uma fazenda de terra de sementeira e casas, foreira anualmente em cinco estudos sujeito a correção legal, com laudemio de dezena, descrito na conservatoria desta comarca sob o n.º 4859, a fls. 76 verso do livro B-13, que vae á praça no valor de 9.999\$00.

Um predio urbano e rustico de casas em mau estado, terras de sementeira, arvores de fruto, vinha e poço, sito no lugar do Cabeço Verde, em Santo Antonio da Charneca, freguezia de Palhaes, desta comarca, descrito na conservatoria do Seixal sob o n.º 1203 a fls. 27 verso do livro B-4, que vae á praça no valor de 3.000\$00.

Pelo presente e respectivos editaes são citados quaesquer credores incertos para assistirem á praça e deduzirem os seus direitos.

Montijo, 8 de Outubro de 1932.

O Escrivão do 1.º Oficio,

*Alvaro Baptista Pereira*

Verifiquei a exactidão

O Juiz de Direito,

*J. Raposo***ANUNCIO**

(1.ª publicação)

No dia 6 de Novembro proximo, pelas 15 horas, á porta do Tribunal Judicial desta comarca e pelos autos de execução fiscal administrativa em que é exequente a Fazenda Nacional e executa a Fornecedora de Gados, Limitada, desta vila, vae pela primeira vez á praça para ser arrematado por quem maior preço oferecer acima do valor da sua avaliação, o seguinte: — Um grupo de casas abarracadas que servem para arrecadação de cereas para engorda de suínos, uns barracões cobertos com telha de Marselha e outros destinados com a telha no chão, com os respectivos ganchões acimentados, que servem para comedouro e maldada dos ditos suínos, e tem um moíno, dois pares de mós que servem para triturar milho, tocado pelo

vento, e um outro colocado num poço, para tirar agua, que vae á praça no valor de 7.877\$00.

Uma fazenda que consta de terra de cultivo, vinha pouca, amendoeiras e figueiras, um predio de primeiro andar e rez-do-chão, um moíno de vento e respectivo poço, que vae á praça no valor de 31.500\$00. — Ambos os predios são situados no lugar das Barreiras, Corte do Lagar da Pedra.

Pelo presente e respectivos editaes são citados quaesquer credores incertos para assistirem á praça e deduzirem os seus direitos.

Montijo, 15 de Outubro de 1932.

O Escrivão do 1.º Oficio,

*Alvaro Baptista Pereira*

Verifiquei a exactidão.

O Juiz de Direito,

*J. Raposo***Depósito Geral de Tabacos****NACIONAES E ESTRANGEIROS****FÓSFOROS E PAPEIS DE FUMAR****TELEF. 17****António Victorino Rodrigues, sucessor****Ferragens, Papelaria e miudezas****20, R. Guerra Junqueiro, 22****MONTIJO****AO COMÉRCIO: ANUNCIAI NO “MONTIJO”****EDITOS**

(1.ª publicação)

Pelo Tribunal da Segunda Vara Comercial da Comarca de Lisboa e

cartorio do segundo officio a cargo do escrivão Alberto Ferreira, correm editos de trinta dias a contar da ultima publicação deste anuncio, citando a mulher do executado Alfredo da Fonseca Rodrigues, ultimamente residente em Canha, desta comarca, e actualmente auzente em

parte incerta, para assistir aos termos ultteriores da execução por custas movida pelo Ministerio Publico contra aquele seu marido e contra o Centro Comercial de Canha, Limitada, nos termos do artigo 833 do Codigo do Processo Civil.

Montijo, 15 de Outubro de 1932.

O Escrivão do 1.º Oficio

*Alvaro Baptista Pereira*

Verifiquei a exactidão

O Juiz de Direito,

*J. Raposo*

## ANUNCIO

(2.<sup>a</sup> publicação)

No dia 30 do corrente, pelas 15 horas, á porta do Tribunal Judicial desta comarca, sita na Rua Dr. Afonso Costa, desta vila, pelos autos de inventario orfanologico por obito de Maria Miranda, moradora, que foi, nas Covas de Coina, freguezia de Palhais, vai pela primeira vez á praça, para ser arrematado por quem maior preço oferecer acima do valor da avaliação, o seguinte:

O direito e acção a metade de um predio composto de casas térreas, com quintal ou logradouro no sitio de Coina, freguezia de Palhais, avaliado em 1.200\$00.

Pelo presente são citados quaisquer credores incertos para assistirem á arrematação e deduzirem os seus direitos.

Montijo, 6 de Outubro de 1932.

O Escrivão do 3.<sup>o</sup> Oficio,

João Frederico de Brito Figueirôa Junior

Verifiquei a exactidão.

O Juiz de Direito,

J. Raposo

## ANUNCIO

(2.<sup>a</sup> publicação)

No dia 30 do corrente, pelas 15 horas, á porta do Tribunal Judicial desta comarca, sito na Rua Dr. Afonso Costa, desta vila, e pelos autos de execução fiscal que a Fazenda Nacional move contra os herdeiros de Tereza Joaquina, moradora, que foi, em Sarilhos Pequenos, vai pela primeira vez á praça, para ser arrematado por quem maior preço oferecer acima do valor abaixo designado, o seguinte:

Um predio misto, situado no lugar de Sarilhos Pequenos, freguezia da Moita, que se compõe de terras de sementeira e vinha, casas terreas, adegas, abegoaria e palheiro, no valor de 82.589\$48.

Pelo presente e respectivos editais são citados quaisquer credores incertos para assistirem á arrematação e deduzirem os seus direitos.

Montijo, 6 de Outubro de 1932.

O Escrivão do 3.<sup>o</sup> Oficio,

João Frederico de Brito Figueirôa Junior

Verifiquei a exactidão.

O Juiz de Direito,

J. Raposo

## EDITOS

(2.<sup>a</sup> publicação)

Pelo Juizo de Direito da Comarca do Montijo, cartorio do escrivão do 3.<sup>o</sup> officio, correm editos citando os herdeiros ou representantes incertos do Dr. João Pacheco de Albuquerque, cuja ultima residencia conhecida foi em Alcacer do Sal, para comparecerem, querendo á porta do Tribunal Judicial desta comarca, no dia 13 de Novembro, proximo, pelas 13 horas, a fim de, na qualidade de senhores directos do predio que naquele dia se há-de arrematar pelos autos de execução por custas e selos que o Ministerio Publico move contra Rita de Jesus, viuva de José Henriques dos Santos, do Barreiro, e outros, assistirem á arrematação e deduzirem, querendo, os seus direitos de preferencia.

Montijo, 6 de Outubro de 1932.

O Escrivão do 3.<sup>o</sup> Oficio

João Frederico de Brito Figueirôa Junior

Verifiquei a exactidão

O Juiz de Direito,

J. Raposo

## ANUNCIO

(2.<sup>a</sup> publicação)

No dia 13 de Novembro, proximo, pelas 15 horas, á porta do Tribunal Judicial desta comarca, na Rua Dr. Afonso Costa, desta vila, e pelos autos de execução por custas e selos que o Ministerio Publico move contra Rita de Jesus e outros, vai pela primeira vez á praça, para ser arrematado por quem maior preço oferecer acima do valor da avaliação, o seguinte:

Uma propriedade composta de casas terreas, terras de sementeira, vinha, olival, e terra inculta, no sitio do Vale Trabuco ou Migalha, freguezia de Palhais, foreira, em 5<sup>o</sup>o anuais, sem laudemio, aos herdeiros do Dr. João Pacheco de Albuquerque, avaliada em 27.510\$90.

Pelo presente e respectivos editais são citados quaisquer credores incertos para assistirem á arrematação e deduzirem os seus direitos.

Montijo, 6 de Outubro de 1932.

O Escrivão do 3.<sup>o</sup> officio,

João Frederico de Brito Figueirôa Junior

Verifiquei a exactidão.

O Juiz de Direito,

J. Raposo

## ANUNCIO

(2.<sup>a</sup> publicação)

No dia 30 do corrente mez de Outubro pelas 16 horas, á porta do Tribunal Judicial desta comarca e pelos autos de inventario orfanologico a que se procede por falecimento de Maria Gertrudes Raimundo, viuva, residente que foi nesta vila, e de que é inventariante Emilia da Silva Raimundo, tambem nesta vila residente, vae pela segunda vez á praça para ser arrematado por quem maior preço oferecer acima do valor de metade da sua avaliação, o seguinte: — Predio urbano formado por lojas e primeiro andar na Avenida João de Deus (antiga rua Nova), desta vila, descrito na conservatoria sob o n.<sup>o</sup> 885

a fls. 35 verso do livro B-terceiro, que vai á praça no valor de 2.000\$00.—Pelo presente e respectivo edital são citados quaesquer credores incertos e bem assim os herdeiros do credor hipotecario José Marques Cepinha, residente que foi nesta vila, para assistirem á praça e deduzirem os seus direitos. Declara-se que a ciza será paga por inteiro pelo arrematante.

Montijo, 12 de Outubro de 1932.

O Escrivão do 1.<sup>o</sup> Oficio,

Alvaro Baptista Pereira

Verifiquei a exactidão

O Juiz de Direito,

J. Raposo

## CASA DAS NOVIDADES

DE

## Francisco Vicente Lucas

Esta casa é a que maior sortido tem em bonets para homem e creançasmeias, peugas, artigos de malha, e lãs.



Colossal sortido em Bijouterias, Perfumarias, Brinquedos, Artigos para brindes, Retrozaria e Papelaria,

A CASA QUE MAIS BARATO VENDE | Confrontem os nossos preços

Rua Almirante Reis, 65 a 67 — MONTIJO

## Mercearia, Fazendas e tabacos

DE

## JOSÉ ANTONIO DE FARIA

Rua Teofilo Braga, 67 — MONTIJO

A única casa especializada com officina própria para o fabrico de chapéus e concertos em todos os formatos.

LUCAS & GUERREIRO L.<sup>DA</sup>

Colossal Sortido de Chapelaria, Camisaria e Gravataria



A Casa que mais barato vende  
Confrontem os nossos PREÇOS

## CHAPELARIA DA MODA

Rua Afonso Pala, 17 a 21 — MONTIJO

# “Montijo”

É O JORNAL MAIS LIDO NA COMARCA